

A Revolução RSS e as Bibliotecas

Paulo Leitão

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

E-mail: pjleitao@gulbenkian.pt

RESUMO ENTREGUE QUANDO DA APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

Os canais de RSS (Really Simple Syndication ou Rich Site Summary ou ainda RDF Site Summary) são, actualmente, uma das formas mais utilizadas de difusão da informação no contexto da Web. Um formato e tecnologia de simples implementação permitem entregar automaticamente qualquer conteúdo a um utilizador de um sítio Web. A subscrição dos canais de informação obriga, por outro lado, a um reduzido esforço do utilizador, mesmo que não seja tecnologicamente um perito.

Estes aspectos fazem do RSS um poderoso recurso para disponibilizar informação a qualquer utilizador, o que necessariamente constitui uma oportunidade extraordinária para as bibliotecas, que pode ser explorada quer integrando-a em serviços já existentes, como o sítios web ou os catálogos em linha, quer criando novos serviços, como a difusão selectiva da informação.

A comunicação começará por fazer o estado da questão, quer do ponto de vista da tecnologia, quer do ponto de vista genérico da sua utilização no contexto da Web 2.0. Em seguida, e a partir da análise de boas práticas, debruçar-se-á sobre a utilização de RSS pelas bibliotecas, para posteriormente sugerir uma estratégia de utilização. Far-se-á também uma primeira aproximação à realidade de utilização de RSS pelas bibliotecas públicas portuguesas.

O RSS é um formato de estruturação de conteúdos baseado em XML, com o qual se geram *feeds*, ou seja, um documento com um conteúdo pré-definido que pode ser subscrito por qualquer internauta usando um leitor/agregador. Uma vez esse conteúdo subscrito, o agregador tem informação suficiente para verificar periodicamente todas as actualizações que se produziram no sistema de origem (sítio Web, blogue, etc) e fazer a entrega automática dessa informação ao utilizador. Conceito criado em 1997 por Dave Winer, só dois anos mais tarde conheceu uma implementação que permitiu que se iniciasse, não sem alguns avanços e recuos, a sua difusão: em 1999 a Netscape desenvolveu aquilo que designou por RSS0.90 desenhado para funcionar com o seu navegador na conta pessoal de cada utilizador. Desde essa altura, a história do desenvolvimento desta solução tem sido atribulada, tendo produzido actualmente, para além de alguma confusão terminológica, dois “standards”: RSS 2.0 (criado por Winer em 2002) e Atom (criado em 2003 pela Atom Enabled Alliance). Independentemente destas circunstâncias, o que é facto é que a disponibilidade de

serviços com base nesta tecnologia, bem como a sua utilização, têm vindo a aumentar sistematicamente.

Os conteúdos de um *feed* de RSS podem ser muito diversificados, desde um novo *post* no blogue, até à actualização de um texto num sítio Web, passando pela publicação de novos documentos numa lista ou ainda pela alteração noticiosa até mesmo ao conteúdo de bases de dados. Do lado do fornecedor do serviço, e considerando que a utilização desta tecnologia não é exigente, é possível implementar esta solução sempre que se verifique, pelo menos, uma condição básica: o conteúdo deve sofrer alterações periódicas. Do lado do utilizador fica a decisão de subscrever os canais de RSS mais adequados às suas necessidades e interesses, organizando essas subscrições como considerar mais pertinente.

Para quem disponibiliza conteúdos via Web, o RSS apresenta inúmeras vantagens: permite entregar informação ao utilizador final sem necessidade de intervenção humana sistemática, possibilita criar subscrições com conteúdos adaptados a diferentes tipos de público, apresenta um baixo custo de implementação.

Para o utilizador, a facilidade, ajudada pela quase universal utilização de uma mesma simbologia identificadora da existência de um canal de RSS, de subscrever conteúdos informativos do seu interesse e a garantia de informação atempada sobre as actualizações desses conteúdos. Evitam-se operações fastidiosas e pouco eficientes de visita periódica de *url's* de preferência, bem como a análise das alterações. A tarefa de agregação e leitura das várias subscrições implica a utilização de funcionalidades existentes em aplicações, por exemplo, num navegador de Web, caso do IE (Internet Explorer) ou a utilização de um produto específico. Um agregador é um serviço remoto ou um software (mas será predominantemente ao primeiro caso que nos referiremos) que lê periodicamente um conjunto de fontes de informação estruturadas em XML, encontra actualizações e mostra-as por ordem cronológica, convertendo a marcação numa forma mais apropriada à leitura por humanos. As funcionalidades de agregadores/leitores especializados como o NETVIBES (<http://www.netvibes.com>), PAGEFLAKES (<http://www.pageflakes.com>) ou BLOGLINES (<http://www.bloglines.com>) parecem ser superiores às actualmente disponíveis no IE ou outros navegadores. Uma comparação entre agregadores será realizada de acordo com os seguintes critérios: funcionalidades de subscrição de canais, funcionalidades de organização e gestão das subscrições, acessibilidade multi-plataforma, transferência e reutilização da informação.

As bibliotecas têm vindo progressivamente a utilizar esta tecnologia criando canais de RSS a partir dos seus sítios Web, dos seus blogues, utilizações mais evidentes, mas também dos seus catálogos. Por outro lado, começamos também a assistir a implementações que criam novos serviços, nomeadamente serviços de difusão selectiva de informação ou de selecção e organização de recursos Web que, usando agregadores, disponibilizam verdadeiras colecções destas fontes de informação (veja-se, por exemplo o caso das bibliotecas públicas de Dublin em <http://www.netvibes.com/dublincitypubliclibraries#Home>). A partir de uma selecção de casos de excelência referenciados na literatura, far-se-á uma análise das boas práticas das bibliotecas neste domínio, de acordo com os seguintes parâmetros definidos a partir da literatura (por exemplo, as directrizes para boas práticas propostas por Miller e disponíveis em <http://www.ariadne.ac.uk/issue35/miller/>): conteúdo disponibilizado, granularidade e formas de apresentação; fontes de informação a partir das quais se disponibiliza RSS; serviços de informação com base em RSS; reutilização de RSS em outras plataformas de informação onde a biblioteca intervenha.

O estado da questão relativamente à utilização de RSS pelas bibliotecas públicas portuguesas será realizado com base numa amostra representativa do universo, aplicando, na análise dos seus sítios Web e catálogos, os mesmos critérios de análise das boas práticas já referidos. A amostra será seleccionada de acordo com os seguintes critérios: tipologia das bibliotecas no âmbito do programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, distribuição geográfica, disponibilidade de sítio Web individualizado e de catálogo em linha.

A partir das conclusões da análise à realidade portuguesa no momento, serão sugeridas estratégias e formas de utilização desta tecnologia, apresentando algumas soluções de referência para a sua implementação.

PALAVRAS-CHAVE: RSS, Bibliotecas, Web 2.0